

Bush e a economia informal

28 SET 1989

por Maria Clara R. M. do Prado
de Washington

Uma apologia à liberdade econômica marcou ontem o discurso do presidente dos Estados Unidos, George Bush, na 44ª assembleia de governadores do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial.

"Não são o clima, recursos naturais ou tradições culturais que fazem a diferença; apenas a liberdade de mercado funciona", apreciou Bush, para quem a economia informal, que cresce com certa expressão principalmente nos países em desenvolvimento, é um exemplo de organização social que se desenvolve de maneira próspera, à margem da intervenção do Estado.

"O economista peruano, Hernando de Soto, ajudou-nos a entender um fenômeno mundial. Andando pelas ruas de Lima, sem analisar as estatísticas oficiais, ele descobriu que os pobres da América Latina — que nun-

GAZETA MERCANTIL



George Bush

ca leram Jefferson ou Adam Smith — tocam seus negócios democraticamente, fora da economia formal, organizando sua economia privada e paralela de um modo livre e desregulado." A grande contribuição de De Soto, na opinião de Bush, tem sido a de destacar que, quando deixadas de lado pelo governo, as pessoas em todo lugar organizam suas vidas de um jeito muito similar.

Conforme acredita o presidente dos Estados Unidos, a prescrição do economista peruano oferece uma clara e promissora alternativa à estagnação econômica não só na América Latina, mas em outras partes do mundo. "Os governos devem trazer os trabalhadores informais para dentro da economia regular e depois sair do caminho, de modo que a iniciativa privada possa florescer", testou Bush.

Ao mesmo tempo que co-

locia a economia informal como um exemplo de como funcionam as forças de mercado, Bush condena o tráfico internacional de drogas como um sério problema que precisa ser combatido de forma coordenada entre os países. "O dinheiro da droga mina os negócios honestos, corrompe as instituições políticas e até ameaça a segurança das nações. Para esconder seus lucros obscenos, os 'barões' da droga precisam 'lavar' o dinheiro reciclando-o através de instituições financeiras e de ilegítimas organizações de fachada", disse ele, renovando o apelo para que todos os países ratifiquem a convenção de Viena das Nações Unidas, de modo que a "lavagem" do dinheiro seja tratada como uma ofensa-crime e extraditável.

Bush também elogiou a abertura econômica dos países comunistas e aproveitou para deixar patente que o fato comprova o su-

cesso do regime capitalista: "Olhem para ambos os sistemas econômicos e vejam qual deles prosperou e qual deles está-se debatendo. Devemos colocar um ponto final nesta experiência econômica porque a História já decidiu". O presidente dos Estados Unidos pediu ao FMI e ao Banco Mundial que trabalhem rápido com a Polônia no sentido de apoiar um programa de recuperação econômica que assegure uma bem-sucedida implementação.

Os países industrializados devem, segundo ele, contribuir para a abertura do sistema econômico. Defendeu o fortalecimento do GATT — Acordo Geral de Tarifas e Comércio —, mas foi um pouco cauteloso quanto ao desenvolvimento do processo, chamando pela necessidade de que seja feito de forma mútua, mas na base do "passo por passo".

(Continua na página 23)

Bush e a economia...

por Maria Clara R.M. do Prado
de Washington

(Continuação da 1º página)

Para os países em desenvolvimento, Bush reafirmou a importância da estratégia da redução da dívida externa, mas deixou claro que não funcionará sem que visíveis políticas econômicas sejam adotadas por parte dos devedores. "Políticas de ineficiência, irrealistas e inibidoras do crescimento devem desaparecer, os benefícios estão à disposição de um elenco de outros países — além do México e das Filipinas — que persigam a reforma econômica."

Os programas de redução de dívida são um complemento à continuidade do processo de novos financiamentos e "devem colocar de volta os países devedores e os bancos comerciais para o lugar que lhes pertence: a mesa de negociação", disse ele, informando aos governadores que os Estados Unidos reconhecem a necessidade de o FMI dispor de recursos adequados para preencher seu papel no processo da redução da dívida externa. "Vamos continuar trabalhando com outros membros na expectativa de encontrar uma decisão sobre as cotas em torno do final do ano."